

MEDIAÇÃO DE CONFLITOS NO CONTEXTO ESCOLAR

DOI: 10.5281/zenodo.19962098

Livia Fernanda Monteiro Sousa

Doutoranda pela UNIB

Profa. Dra. Elisangela Giroto Carelli Hermes

Diretora de Tese - Doutorado em Educação, Universidad Internacional Iberoamericana (UNIB).

RESUMO: A pesquisa foi realizada em uma escola pública de São Gonçalo, Rio de Janeiro, que tinha várias ocorrências de violência escolar e de bullying entre os discentes. O objetivo deste artigo consiste em verificar os comportamentos violentos dos alunos que podem implicar em conflitos no ambiente educativo, a fim de delinear posteriores estratégias de intervenção para a minimização destes sintomas. No que diz respeito à metodologia de pesquisa, esta foi norteada pelo paradigma pragmático, sendo utilizada a abordagem quantitativo-qualitativa. Foi realizado estudo quase experimental com alunos do Ensino Fundamental (Anos Finais), das faixas etárias entre 11 e 15 anos de idade. O instrumento de pesquisa utilizado foi o Questionário de Capacidades e Dificuldades- QCD (Strengths and Difficulties Questionnaire, SDQ), elaborado por Goodman (1997) e validado no Brasil por Fleitlich, Cartázar e Goodman (2000), para os professores. A análise dos dados possibilitou a percepção dos comportamentos violentos, por meio da avaliação dos índices obtidos no QCD. Com esta pesquisa, foi aperfeiçoado o mapeamento de comportamentos violentos. De acordo com os resultados obtidos, observou-se que os alunos demonstraram problemas de relacionamento com colegas e problemas de comportamento. Assim, comprovou-se a hipótese de que o diagnóstico destes problemas pode ajudar a prevenir a violência na escola pesquisada. Não obstante, estes resultados enfatizam a necessidade de realização de propostas para a prevenção da violência escolar através da mediação de conflitos.

Palavras-chave: mediação, conflitos, convivência, alunos

ABSTRACT: Research conducted in a public school in São Gonçalo, Rio de Janeiro, revealed several instances of school violence and bullying among students. The objective of this article is to examine the violent behaviors of students that may lead to conflicts in the educational environment, in order to outline subsequent intervention strategies to minimize these symptoms. Regarding the research methodology, it was guided by the pragmatic paradigm, using a quantitative-qualitative approach. A quasi-experimental study was conducted with students from the final years of elementary school, aged between 11 and 15 years old. The research instrument used was the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ), developed by Goodman (1997) and validated in Brazil by Fleitlich, Cartázar, and Goodman (2000), for teachers. Data analysis allowed for the perception of violent behaviors through the evaluation of the scores obtained in the SDQ. This research improved the mapping of violent behaviors. According to the results obtained, it was observed that students presented relationship problems with peers and behavioral problems. Thus, the hypothesis that diagnosing these problems can help prevent violence in the school studied was confirmed. Nevertheless, these findings emphasize the need to obtain results for the prevention of school violence through conflict mediation.

Keywords: mediation, conflicts, coexistence, students

Introdução

A violência escolar tem se feito presente nos cotidianos das escolas, afetando a todos os sujeitos que atuam nelas. Em situações de conflito, segundo Cachoeira, Zwierewicz, Silva,

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

Soares e Santos (2015, p. 84), os envolvidos podem ocupar diversos papéis como agressor, vítima e testemunha, sendo apresentadas por este público diferentes facetas, que exigem “atenção intensa, especialmente de pais e de profissionais das instituições educacionais, para o diagnóstico, prevenção e erradicação do *bullying*”.

Embora este quadro se configure cada vez mais alarmante nas escolas brasileiras, os estudos sobre o tema no país são mais recentes, em comparação com países como França, Inglaterra, Noruega e Estados Unidos, onde já se fazem investigações sobre o tema desde 1970, conforme afirmam Silva e Assis (2018).

Assis, Njaine e Marriel (2010, p. 43) alegam que no mundo inteiro relatam-se práticas de agressividade por parte de alunos, suscitando o crescimento de uma linha investigativa reconhecida como “violência nas escolas” (Assis et al., 2010, p. 47). Debarbieux (2002, citado por Assis et al., 2010), ao analisar a violência nas cidades da Europa, ressalta que é fundamental que os professores se preocupem acerca do manejo e da evitação de comportamentos antissociais entre os estudantes, assim como destes para com os docentes.

Segundo Assis et al. (2010, p. 48), a violência estudantil se manifesta através de atos como “vandalismo, pichações nas paredes, xingamentos e agressões físicas a professores, indisciplinas no banheiro e roubos no ambiente escolar”. Em países europeus, como a Bélgica e a Inglaterra, profissionais da educação presenciam este tipo de ocorrência. Blomart (2002, citado por Assis et al., 2010) afirma que dos diretores de escolas, 30% dos que atuam em escolas primárias e 51% dos que atuam em escolas secundárias se encontram com estas situações.

Por sua vez, conforme estudos de Hayden e Baya (2002, citado por Assis et al., 2010), 32% dos professores foram acometidos por comportamentos de agressividade dos educandos em algum momento de sua carreira docente. Além disso, segundo os autores, em outro estudo, 15% dos professores de uma escola secundária afirmaram ter sofrido ofensa verbal no período de uma semana, enquanto 1,7% foram agredidos fisicamente em sala de aula e 1,1% sofreram agressão física fora dela. Com base no *British Crime Survey*, Hayden e Blaya (2002, citado por Assis et al., 2010) também verificaram que o magistério é uma profissão altamente arriscada: 1,8% corre o risco de ser atacado em sala de aula enquanto 2% correm o risco de ameaças.

Importante atentar para o fato de que a violência escolar pode ocorrer em diversos locais, não se limitando ao espaço físico escolar correspondente à sala de aula, corredores, pátio,

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

entre outros. Existem violências efetuadas durante o deslocamento e o entorno das unidades escolares, assim como em atividades ocorridas em espaços externos à escola.

De acordo com Carvalho e Anjos (2021), a violência escolar é manifestada por diferentes ações, tanto dentro como fora das escolas, sendo exigido para o enfrentamento da violência tanto o engajamento como a participação de todos os segmentos da comunidade escolar, através de ações que se comprometam com “o diálogo, a tolerância e o respeito às diferenças” (Carvalho & Anjos, 2021, p. 4). Desta maneira, a relevância desta pesquisa reside na necessidade de se entender como os conflitos discentes podem afetar o processo de aprendizagem do aluno, tendo em vista que o ambiente escolar desfavorável para esta é aquele onde se manifestam episódios de violência, de acordo com Pacievitch, Girelli e Eyng (2009). Tais episódios podem ser vistos tanto pela agressividade, como por atos violentos, sendo a dificuldade nos relacionamentos manifestada de várias maneiras e em vários ambientes, incluindo os escolares.

Conforme Vega, Dutra e Fonseca (2021) as condições de aprendizagem sofrem impacto a partir das condições do contexto de violência que podem influenciar o contexto educativo. Não obstante, a realidade da violência escolar se faz presente na escola observada nesta pesquisa, localizada em São Gonçalo, no Rio de Janeiro. Isto porque, nos anos letivos de 2022 e 2023, por meio de um levantamento das ocorrências registradas em Ata Escolar, notam-se diversas queixas de *bullying* entre os alunos. Estas queixas foram comunicadas para a escola, tanto por responsáveis como pelos próprios alunos. Foram registrados episódios de agressões físicas e verbais entre os estudantes, bem como suspeitas de furtos de materiais escolares entre os colegas de classe.

Ademais, foram registradas ocorrências de *cyberbullying*, bem como o uso de internet para agendar brigas nos arredores da escola pelo *Whatsapp*, não somente entre os alunos da escola, mas também com alunos de outras escolas. Importante ressaltar que em alguns casos, percebe-se a ligação direta estes embates físicos e episódios de *cyberbullying*, pois houve tanto casos de brigas causadas por postagens nas redes sociais, como também a ocorrência de compartilhamentos de vídeos de tais brigas nas redes sociais, trazendo tanto danos à imagem dos agressores quanto à reputação das vítimas.

Não obstante, faz-se necessário estabelecer ações com a participação de todos os sujeitos escolares, haja vista que poucos profissionais da escola possuem preparo para mediar

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

os conflitos que possam existir entre os discentes. Neste sentido, como os conflitos não são resolvidos entre os alunos seja por eles mesmos ou com a presença de profissionais que atuem como mediadores, acaba-se por realizar muitos encaminhamentos de discentes à Coordenação, Orientação Educacional e Direção, incorrendo em medidas punitivas como advertência ou suspensão. Contudo, tais litígios poderiam ser evitados se houvesse ações preventivas contra episódios de violência escolar, a partir do momento em que a mediação de conflitos contribui de maneira significativa para tal finalidade.

Neste cenário, segundo Vega, Dutra e Fonseca (2021), é importante que a escola assuma uma postura acolhedora, a fim de que as violências não sejam reproduzidas no ambiente educativo. Neste sentido, a escola é um espaço fundamental para fortalecimento de habilidades de cooperação e gestão de conflitos, contribuindo para prevenir a violência entre os sujeitos e reduzir comportamentos de *bullying*. A relevância desta pesquisa se dá, ainda, pela crescente demanda sinalizada pelos docentes da escola observada, no sentido da necessidade de minimizar os comportamentos violentos apresentados por estes alunos.

Tal quadro de violência escolar pode ser visto na escola pública a ser pesquisada, da rede pública de ensino, localizada em São Gonçalo, Rio de Janeiro, onde são frequentes episódios de agressões verbais e físicas entre os alunos. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa consiste em caracterizar os comportamentos violentos dos discentes de 6º e 7º ano do Ensino Fundamental (Anos Finais) da escola observada. A hipótese levantada foi a de que o diagnóstico destes comportamentos pode colaborar para a prevenção da incidência de episódios violentos no ambiente escolar.

Esta pesquisa se pautou em referenciais teóricos como: Crawford e Bodine (1996); Mendes (2012); Campbell (2015); Gomes & Lobato (2021). Neste artigo, serão observados os problemas de relacionamento entre colegas, isto é, fatores que podem influenciar de maneira negativa o processo de socialização do discente com os seus colegas. Com base em Baia e Machado (2021), admite-se a intranquilidade na socialização dos alunos, podendo existir tensões e conflitos nas relações, com as quais os indivíduos devem aprender a manejar. Logo, os problemas de relacionamento se tratam da forma conflituosa pela qual o indivíduo reage às pressões sociais, demandando o ajuste de questões familiares, emocionais e relacionais.

Além dos problemas citados acima, também foram analisados os problemas de comportamento, para os quais foi admitida a definição conceitual de Webster- Stratton (1997,

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

citado por Bolsoni-Silva e Marturano, 2002). Conforme este conceito, os problemas de comportamento são descritos de maneira desenvolvimentista, em comportamentos agressivos e opositivos na fase pré-escolar que desencadeiam em comportamentos agressivos e questões comportamentais em momentos posteriores da infância e da adolescência. Estes comportamentos podem vir a se tornar sintomas mais preocupantes, como violência interpessoal e violação de propriedade. Com o decorrer dos anos, a escola passa a ser um lugar constante para a apresentação de tais comportamentos, que tendem a se potencializar.

De acordo com os resultados obtidos, notou-se que os alunos apresentaram problemas de relacionamento com colegas e problemas de comportamento, constatando-se a hipótese de que o diagnóstico destes problemas pode ajudar a prevenir a violência na escola pesquisada. Não obstante, estes resultados enfatizam a demanda de propostas para a prevenção da violência escolar através da mediação de conflitos.

Método

Paradigma, abordagem e instrumento de pesquisa

No que diz respeito à metodologia de pesquisa, esta foi norteada pelo paradigma pragmático, sendo utilizada a abordagem quantitativo-qualitativa, com aplicação do Questionário de Capacidades e Dificuldades- QCD (Strengths and Difficulties Questionnaire, SDQ), elaborado por Goodman (1997) e validado (Fleitlich, Cartázar e Goodman, 2000; Santos e Celeri, 2018; Woerner et. al., 2024), destinado aos professores dos alunos que apresentam comportamentos violentos.

Este artigo científico contém resultados parciais da pesquisa para tese de doutorado, enquanto pré-requisito para a conclusão de curso. Neste artigo, serão analisados os resultados correspondentes à aplicação do questionário na primeira fase da pesquisa de Doutorado (pré-intervenção), anterior à intervenção a ser realizada com os alunos que apresentam episódios de conflitos entre os colegas, durante a elaboração da tese. Neste momento da pesquisa, foram caracterizados os comportamentos violentos dos alunos da escola no ano letivo de 2023, através das respostas assinaladas pelos docentes entrevistados no questionário QCD.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

O Questionário de Capacidades e Dificuldades (QCD) abrange questões comportamentais dos alunos, tais como problemas de relacionamento e socialização. O SDQ (Strengths and Difficulties Questionnaire) ou QCD (Questionário de Capacidades e Dificuldades), idealizado por Goodman (1997), é um teste rápido para detectar problemas psicossociais em crianças e adolescentes de 3 a 16 anos. Este questionário pode ser utilizado para medir as variáveis de: problemas emocionais, problemas de conduta, hiperatividade e comportamento pró-social e problemas de relacionamento com pares.

O QCD (Questionário de Capacidades e Dificuldades) é viável para avaliar os comportamentos violentos dos alunos da escola que foi observada e medir a minimização dos mesmos, pois é uma ferramenta de triagem comportamental. Segundo Boyer, Miller, Connolly e McIntosh (2016), este questionário tem sido amplamente validado e utilizado em um número considerável de estudos internacionais, sendo uma ferramenta mais curta para este tipo de avaliação do que outros instrumentos como por exemplo, o *Child Behaviour Checklist* (Achenback, 1991, citado por Boyer, Miller, Connolly e McIntosh, 2016).

Validação do instrumento de pesquisa

De acordo com Santos e Celeri (2018), o Questionário de Capacidades e Dificuldades (QCD) ou *Strengths and Difficulties Questionnaire* (SDQ) se trata de um instrumento de rastreamento de problemas de saúde mental de crianças e adolescentes, utilizado de forma ampla na pesquisa científica para identificação destas questões em crianças e adolescentes e averiguar o nível de gravidade destes sintomas no que diz respeito ao impacto de psicopatologia. De acordo com Santos e Celeri (2018, p. 84), entre os fatores para a larga utilização deste questionário, citam-se: a ampla aceitação por parte dos participantes, fácil pontuação das escalas e a devida importância dada às competências da criança.

Santos e Celeri (2018) ressaltam que, no caso de crianças pré-escolares, as características psicométricas do QCD têm sido avaliadas em pesquisas internacionais, o que evidencia o caráter sensível deste instrumento no que diz respeito à sua especificidade. Tal característica pode ser vista pela capacidade discriminativa do QCD, o que se reforça nos casos em que o “total de dificuldades” e o “impacto da dificuldade” alcançam altos níveis (Santos & Celeri, 2018, p. 87).

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

De acordo com as autoras, o QCD possui rapidez de aplicação e pontuação, gerando flexibilidade no modo de aplicação, que pode ser pessoalmente ou por telefone, por exemplo. Destaca-se ainda, a gratuidade da aquisição deste instrumento de pesquisa, bem como a padronização deste, o que pode facilitar o relato dos cuidadores, já que apresentam dificuldades na comunicação de preocupações e medos, mesmo com a relevância das dificuldades socioemocionais e comportamentais demonstradas pelas crianças. Isto significa que “o instrumento padronizado pode auxiliar na identificação dos problemas reduzindo vieses” (Santos & Celeri, 2018, p. 89).

Santos e Celeri (2018, p. 89), ressaltam, ainda, a vantagem da “apropriação sobre o desenvolvimento da criança, o contexto e a história de seu comportamento e temperamento, podendo descrever como a dificuldade surge, manifesta-se e muda ao longo do tempo”. Por esta perspectiva, deve-se considerar que os resultados obtidos por meio da aplicação do QCD podem sofrer variações de acordo com os entrevistados, no que diz respeito à maneira como estes percebem as dificuldades e potencialidades do indivíduo, bem como ao que se espera sobre o desempenho deste.

Não obstante, os achados da pesquisa de Santos e Celeri (2018, p. 89) revelaram que é necessária a intervenção precoce em crianças, por meio da efetividade do QCD em identificar “problemas internalizantes e externalizantes, funcionando como um bom instrumento de triagem”. Desta forma, torna-se possível o monitoramento e a qualificação dos problemas socioemocionais apresentados por crianças e adolescentes, por meio deste instrumento de pesquisa.

Fleitlich et al. (2000) comentam sobre a realização de um estudo epidemiológico multicêntrico no Brasil que foi realizado com 900 sujeitos e suas respectivas famílias, por meio do QCD, abrangendo 1.250 famílias de crianças carentes da cidade de Campos do Jordão do Estado de São Paulo.

Os pesquisadores constataram que as taxas de transtornos podem variar conforme faixa etária, gênero e classe social, tal como constatado anteriormente em literatura. Além disto, os índices de aceitação foram equivalentes aos da literatura (80%), sendo produzidas pelo estudo de informações acerca das bases metodológicas para pesquisa em epidemiologia psiquiátrica na infância no Brasil, demonstrando viável a utilização de: fonte de identificação por meio de

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

registros escolares; utilização de instrumentos de diagnóstico similares aos de países desenvolvidos; e meios de obtenção de informações dos docentes.

De acordo com Fleitlich et al. (2000), estudos como este devem ser aplicados em outras regiões do Brasil, a fim de documentar “a necessidade nacional de serviços de saúde mental infantil e de programas preventivos” (p. 5). Além disso, estudos com metodologia similar ao do QCD, segundo os autores, podem ser aplicados para investigar subgrupos da população infantil, como por exemplo, crianças em situação de vulnerabilidade social e crianças portadoras de doenças crônicas. Não obstante, a aplicação do QCD em outras regiões do Brasil pode colaborar para a averiguação em contextos de diferentes características socioculturais.

Posteriormente, de acordo com Woerner et al (2004), já nos primeiros anos de disponibilidade do QCD, este foi amplamente avaliado e aplicado na averiguação de comportamento de crianças e adolescentes nos países europeus. Isto demonstra que pode ser interessante a aplicação deste instrumento em outros contextos culturais, com vistas a colaborações de outros países para comparações entre culturas para avaliação de questões clínicas.

Woerner et al. (2004) ainda apontam que a experiência de aplicação do QCD, em um contexto de diversidade linguística e cultural de países não europeus, colaborou para reiterar as evidências europeias de que este questionário possui boas propriedades de psicometria e utilidade clínica. Os autores ainda ressaltam que é válida uma maior coordenação internacional, a fim de promover a plena exploração dos potenciais do QCD enquanto ferramenta versátil de avaliação e investigação sistemática.

Não obstante, Woerner et al. (2024) reforçam que, embora a maioria dos estudos que fizeram uso do QCD sejam europeus, já existem evidências concernentes a tal instrumento de pesquisa em outros lugares do mundo. Sendo assim, o QCD pode ser aplicado para o rastreamento de transtornos comportamentais e estimação de taxas de prevalência, ou, também, como meio de pesquisa utilizado com o fim de investigação de associações entre as áreas psicopatológicas mais comuns e fatores de risco para o desempenho acadêmico das crianças ou surgimento de possíveis sintomas de transtornos psiquiátricos.

Nota-se, portanto, que o QCD é adequado para a aplicação no contexto analisado nesta pesquisa, tanto em relação à faixa etária dos alunos analisados (11 a 15 anos), como pelo fato de a eficácia deste instrumento de pesquisa já ter sido verificada em outros ambientes escolares.

CrITÉrios de seleÇão da amostra

Como de seleção de amostra optou-se pela amostra por conveniência, haja vista que se obteve a facilidade de acesso aos participantes da pesquisa. Optou-se por realizar a pesquisa com turmas dos anos finais do Ensino Fundamental, haja vista que este segmento foi o que mais apresentou episódios de violência escolar entre alunos. Foram registradas numerosas ocorrências deste tipo entre março e setembro de 2022, tais como: *cyberbullying*; agressões físicas; agressões verbais; furtos de objetos; xingamentos; ameaças.

Devido à constância destes acontecimentos, para este artigo, selecionaram-se para amostra os alunos das turmas que mais apresentaram episódios de conflitos – no caso as turmas de 6  e 7  ano, totalizando 3 alunos de 11 a 15 anos. Foram selecionados 5 professores das turmas de 6  e 7  ano do Ensino Fundamental, para a aplicação do Questionário de Capacidades e Dificuldades – QCD.

Como critérios de inclusão da amostra constam: Episódios de conflitos verbais e físicos entre discentes ocorridos entre os alunos do Ensino Fundamental (Anos Finais); conflitos ocorridos entre alunos do turno da manhã da escola a ser investigada; conflitos ocorridos na sala de aula e também em outros ambientes da escola como pátio e quadra. Como critérios de exclusão da amostra enumeram-se: alunos do Ensino Fundamental – Anos Iniciais (1  a 5  ano); alunos do turno da tarde; alunos em situação de abandono escolar.

Variáveis da pesquisa

As variáveis de pesquisa analisadas foram problemas de comportamento e problemas de relacionamento. Em relação a problemas de comportamento, admite-se a definição conceitual de Webster-Stratton (1997, como citado em Bolsoni-Silva & Marturano, 2002, p. 2) em que os problemas de comportamento são descritos de forma desenvolvimentista, em comportamentos de agressão e oposição na fase pré-escolar que progridem para “agressividade e problemas de comportamento na meninice” (Webster- Stratton, 1997, como citado em Bolsoni-Silva & Marturano, 2002, p. 2).

Tais comportamentos podem, na fase da adolescência, se tornar sintomas mais s rios, como violência interpessoal e violação de propriedade. Com o decorrer do tempo, a escola passa a ser um local frequente para a manifestação desses comportamentos perturbadores, estes que

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

tendem a aumentar. No que diz respeito à definição operacional, os problemas de comportamento se referem aos itens: perder a paciência constantemente; comportar-se bem e fazer o que os adultos pedem; constantemente brigar e fazer *bullying*; mentir ou enganar constantemente; roubar coisas de casa, da escola ou de outro lugar (Goodman, 1997).

Já os problemas de relacionamento com os colegas consistem em aspectos que podem afetar negativamente o processo de socialização do aluno com os seus pares. Segundo Baia e Machado (2021), não há tranquilidade no processo de socialização do indivíduo, havendo tensões e conflitos nos relacionamentos, com os quais os indivíduos devem aprender a lidar. Portanto, os problemas de relacionamento consistem na forma conflituosa em que o indivíduo responde às pressões sociais, precisando ajustar aspectos familiares, emocionais e relacionais. A definição operacional desta variável consiste em: preferir ficar sozinho; ter um bom amigo ou amiga; ser estimado por outras crianças, sofrer com brincadeiras ou *bullying* de outras crianças; fazer amizade mais facilmente com adultos do que com crianças (Goodman, 1997)..

Viabilidade da pesquisa e orçamento

A viabilidade da pesquisa se dá pelo tempo hábil para coleta dos dados, e também, pelo fato de o material de pesquisa ser escrito. A variedade de fontes de informação e tempo de pesquisa também possibilita a mesma. Os participantes assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) antes de responderem os questionários, sendo mantido o anonimato destes, bem como o consentimento deles. Os benefícios da pesquisa foram indiretos para os participantes, como contribuir para minimizar os conflitos entre alunos no espaço escolar e para a investigação das causas desses conflitos.

No que diz respeito ao orçamento, não foram acarretados custos nem demanda de recolher fundos. Não houve custos para a universidade e para o autor, nem para os participantes da pesquisa, muito menos para a instituição onde a mesma foi realizada. Além das considerações éticas destacadas acima, o trabalho foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa e aprovado pelo mesmo.

Resultados

A análise estatística dos dados foi feita pela aferição de pontos do modelo do Questionário de Capacidades e Dificuldades –QCD (Goodman, 1997). Foi feita a organização

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

de 10 dos 25 itens do QCD em 2 escalas, cada uma composta por 5 itens relativos às questões sintomáticas apresentadas no questionário. Cada escala foi cotada antes de se calcular a pontuação final das dificuldades. Então, após aferir a pontuação para cada item, foi feita a soma da pontuação por cada escala, que pode variar de 0 a 10.

As variáveis medidas pelo QCD analisadas neste artigo foram a escala de problemas de comportamento e a escala de problemas de relacionamento entre os colegas. Para este artigo, especificamente, foi analisada a Escala de Problemas de Relacionamento com os colegas que corresponde aos itens do QCD: o aluno prefere ficar sozinho (Item 6); tem um bom amigo ou amiga (Item 11); é estimado por outras crianças (Item 14); sofre com brincadeiras ou *bullying* de outras crianças (Item 19); faz amizade mais facilmente com adultos do que com crianças (Item 23).

Também foi analisada a Escala de Problemas de Comportamento, que corresponde aos itens do QCD: perde a paciência constantemente (Item 5); geralmente comporta-se bem e fazem o que os adultos pedem (Item 7); constantemente briga e faz *bullying* entre si (Item 12); Mente ou engana constantemente (Item 18); rouba coisas de casa, da escola ou de outro lugar (Item 22).

Cada item respondido teve as respectivas pontuações: Não é verdade - 0 ponto; É um pouco verdade- 1 ponto; É muito verdade- 2 pontos.

As exceções para a contagem de pontos acima foram os itens: Geralmente comporta-se bem e faz o que os adultos pedem (Item 7); tem um bom amigo ou amiga (Item 11); é estimado por outras crianças (Item 14); Os itens 7, 11 e 14 foram pontuados reversamente, com os valores mapeados de maneira oposta, com a pontuação 0 sendo contada como 2 pontos e a pontuação 2 contada como 0.

Sendo assim, a soma dos itens em cada escala pode ter a pontuação de 0 a 10 pontos. Para que o cálculo dos pontos por escala pudesse ser realizado, foi necessário que fossem respondidos pelo menos três itens de cada escala, caso contrário, a pontuação respectiva à escala não poderia ser considerada.

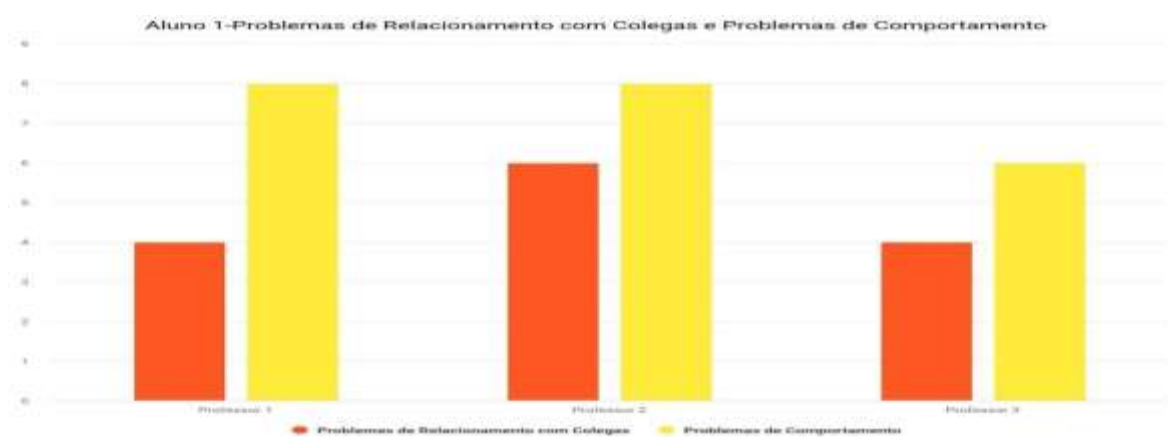
No que diz respeito à variável problemas de relacionamento com os colegas, os alunos 1 e 3 apresentaram maior pontuação (8 pontos), enquanto no que diz respeito aos problemas de comportamento, a maior pontuação foi alcançada pelo Aluno 1 (10 pontos) e pelo Aluno 2 (7 pontos).

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

No que diz respeito ao Aluno 1, nota-se que a pontuação referente a problemas de relacionamento com colegas é alta nas respostas dos Professores 1 e 2 (7 e 8 pontos, respectivamente), enquanto o Professor 3 observou maior incidência de problemas de comportamento (10 pontos) em contrapartida à incidência de problemas de relacionamento com os colegas (6 pontos).

Gráfico 1

Aluno 1- Problemas de Relacionamento com Colegas e Problemas de Comportamento



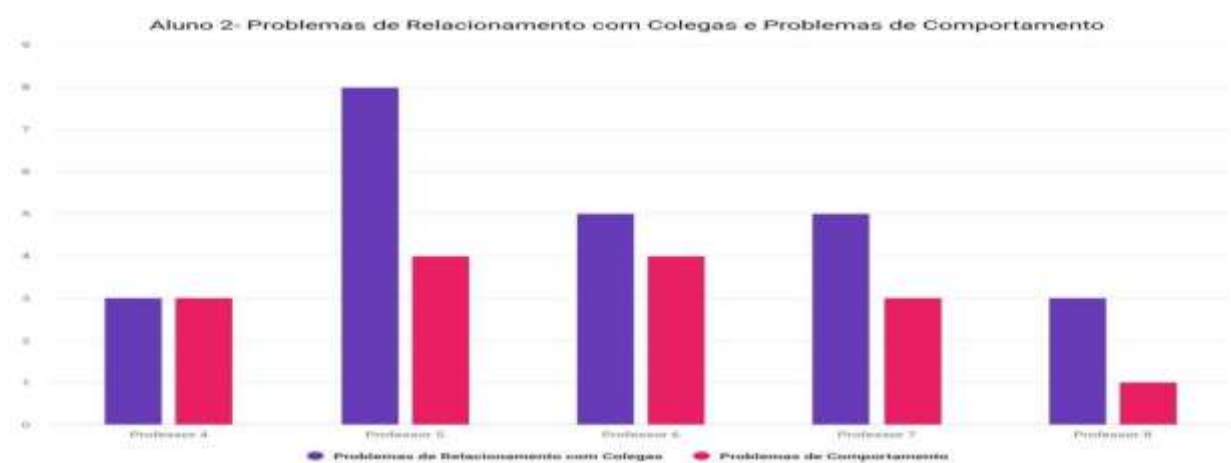
Nota. Elaboração Própria.

Já o Aluno 2 obteve menores pontos concernentes a problemas de relacionamento com colegas (2 pontos com os Professores 1, 3 e 5 e 4 pontos com os Professores 2 e 4). Já as pontuações relativas aos problemas de comportamento foram mais altas com o Professor 1 (5 pontos), Professor 3 (7 pontos) e Professor 5 (6 pontos), enquanto foram mais baixas com o Professor 2 e com o Professor 4, obtendo, respectivamente, 3 e 4 pontos.

O Aluno 3 alcançou maior pontuação em relação aos problemas de relacionamento com os colegas (7, 6 e 8 pontos com os Professores 1, 2 e 3, respectivamente). Em contrapartida, a pontuação dos problemas de comportamento obtida pelo Aluno 3 manteve-se estável nas respostas dos professores entrevistados.

Gráfico 2

Aluno 2-Problemas de Relacionamento com Colegas e Problemas de Comportamento

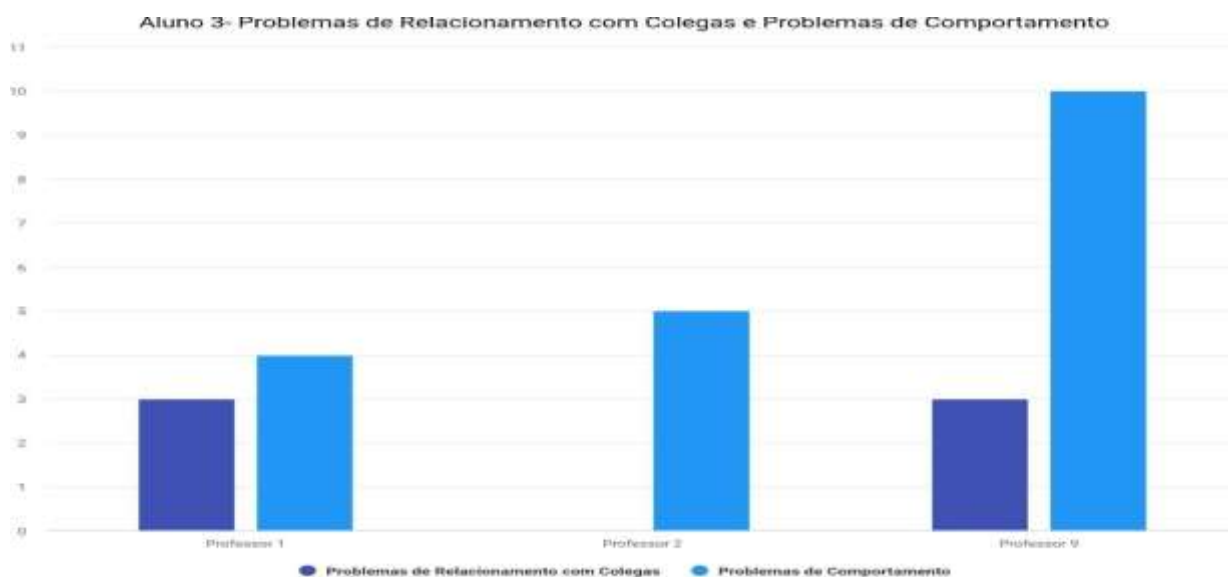


Nota. Elaboração Própria

Gráfico 3

Aluno 3- Problemas de Relacionamento com Colegas e Problemas de Comportamento

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC



Nota. Elaboração Própria.

Discussão e conclusões

De acordo com o Conselho Nacional do Ministério Público- CNMP (2014), a convivência humana implica em conflitos, sendo fundamental a eficiência no gerenciamento destes para a restauração dos relacionamentos entre os estudantes. Isso pode ser percebido na pontuação 8 da Escala de Problemas de Relacionamento, alcançada pelos Alunos 1 e 3.

Levando em consideração que dois dos itens analisados nesta escala foram a questão da preferência por ficar sozinho (Item 6 do QCD) e do *bullying* feito por outras crianças (Item 19 do QCD), observa-se que, a convivência humana, quando gera conflitos não gerenciados com eficiência, pode desajustar as relações interpessoais e conduzir os alunos a atos violentos (CNMP, 2014).

Sendo assim, os conflitos podem tomar caminhos indesejados, gerando preocupação, a partir do momento em que a desestabilização das relações entre os pares pode causar violência. Nota-se, portanto, que há necessidade de a escola desenvolver nos alunos competências de

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

relacionamento e de formação de valores e habilidades para fortalecimento das relações sociais (CNMP, 2014).

Assoma-se a isto o fato de que no caso do Aluno 1, não somente foi obtida pontuação alta na Escala de Problemas de Relacionamento com os Colegas, mas também na Escala de Problemas de Comportamento (10 pontos), que engloba itens como perder a paciência constantemente (Item 5), constantemente brigar e fazer bullying entre si (Item 12) e roubar coisas de casa, da escola e de outro lugar (Item 22).

Isto significa que problemas de comportamento podem se articular com problemas relacionais à medida em que, pela perspectiva do CNMP (2014), estes desvios de comportamento podem tender à agressividade e incorrer em ações agressivas e de indisciplina.

Esta relação de ações e relações entre as pessoas pode ser vista em Tavares (2004, citado por Gomes e Lobato, 2021), à medida em que, na escola, retomam-se os elos que fazem ligação e interligação das ações dos indivíduos entre si. Desta forma as relações interpessoais ocorrem à medida em que se formam sujeitos sociais, sendo permeadas por subjetividades e expectativas, conforme Gomes e Lobato (2021). E quando vínculos são criados e a interação ocorre entre o “eu” e o “outro”, imbuídos de diversas crenças, valores e emoções, é natural que surjam entre eles conflitos devido a desentendimentos. Por esta perspectiva, não há como ignorar uma característica tão natural nas relações, que faz parte da humanidade como condição, e também é presente no processo educativo.

De acordo com os autores supracitados, portanto, a escola é um lugar onde ocorrem conflitos de relacionamento. Isto porque, no ambiente escolar, convivem entre si indivíduos de diversas idades, origens, gêneros e etnias. A heterogeneidade, a diversidade e a tensão, presentes no relacionamento escolar, vão constituir um desafio a ser encarado pela escola, podendo gerar desarmonia e desordem, de acordo com o CNMP (Brasília, 2019, citado por Gomes & Lobato, 2021).

Gomes e Lobato (2021) ressaltam, porém, que conflito não é necessariamente violência, sendo fenômenos totalmente diferentes. Este entendimento se justifica por Jares (2002, citado por Gomes e Lobato, 2021), que diferenciando os dois elementos, traz um olhar positivo para os conflitos. O problema reside na confusão entre violência e conflito, quando a violência se sobrepõe como a única forma de resolvê-lo, destruindo-o, e caminhando para destruir o adversário.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

Não obstante, nota-se que as pontuações obtidas pelo Aluno 2 no que se refere à Escala de Problemas de Comportamento foram maiores com a maioria dos professores entrevistados (7 pontos com o Professor 3 e 6 Pontos com o Professor 5), em comparação com as pontuações obtidas na Escala de Relacionamento com os Colegas, que variaram entre 2 e 4 pontos de acordo com os dados obtidos no QCD. Isto significa que, embora o aluno tenha problemas de comportamento como mentir ou enganar constantemente (Item 18) ou perder a paciência constantemente (Item 18), tais questões não incorrem diretamente em graves problemas de relacionamento com os colegas, por parte do Aluno 2.

Não se deve, pois, compreender o conflito de forma negativa, reprovável socialmente e condutor direto para a violência. Ao contrário, analisando o problema de forma mais ampla, o conflito passa a ser tratado como consubstancial para a existência humana e como força que motiva a mudança social e um aspecto de criatividade fundamental para as relações entre os seres humanos, de acordo com Jares (2002, citado por Gomes & Lobato, p. 559).

Importante frisar que a agressividade pode surgir a partir de um desconforto no corpo que passa a ser exteriorizado. De acordo com Silva (2012), é na relação entre adultos e crianças que ocorre a educação, gerando uma relação compreensiva, mas não necessariamente permissiva, sendo importante definir e cumprir normas.

Portanto, estabelecer limites ajuda de modo definitivo a construir a autonomia e a personalidade da criança, por formar valores como responsabilidade e respeito. Por consequência, a criança terá a capacidade de se socializar e interagir de forma positiva com seu grupo. A compreensão dos próprios conceitos por parte da criança é diretamente proporcional à facilidade em identificar a demanda de mudanças nestes, o que viabiliza os relacionamentos de convívios.

Silva (2012) ainda acrescenta que crianças inseridas em contextos turbulentos, sem amor e como ocorrências de diversos tipos de agressões, não sentem segurança. Quando se desenvolve neste meio, a criança tem grandes possibilidades de se tornar agressiva, o que reflete na sua aprendizagem, podendo implicar em uma questão patológica que demande o acompanhamento de um especialista, como o de um psicólogo, por exemplo. Assim, a criança precisa ser ajudada, caso contrário, o problema da agressividade pode se agravar.

Vale ressaltar que a vítima de violência cotidiana tem dificuldade de relacionamento com colegas e de colocar limites, porque estes não foram construídos no contexto da família.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

Portanto, o estudante canaliza na escola as frustrações cotidianas carregadas nele. Contudo, não há necessidade de se canalizar sentimentos ruins por agressão. Campbell (2015) comenta que divergências e conflitos podem ser resolvidos por meios não violentos, pelo diálogo e visão e pela empatia e pelo olhar do outro.

Não obstante, a autora propõe, ainda, o autodomínio para não reagir de forma violenta à agressão e para responder pacificamente pedindo desculpas ou alegando não contrariedade a quem executou a agressão. Desta forma, o ciclo de violência é encerrado.

Portanto, a observação dos Alunos 1, 2 e 3 nesta pesquisa, através das Escalas de Problemas de Relacionamento com os Colegas e da Escala de Problemas de Comportamento do SDQ se faz importante. Isto porque, pelos autores citados acima, as necessidades psicológicas básicas não sanadas podem incorrer em conflitos. Por este motivo, as estratégias de resolução de conflitos são uma via para criação de oportunidades para o atendimento destas demandas.

Pelos princípios de mediação de conflitos apresentados acima, sugere-se que os melhores interesses individuais consistem na cooperação ao invés da competição. Incluir a resolução de conflitos no currículo pode ser um passo importante para construir um ambiente de aprendizagem seguro e saudável. Se as soluções apresentadas para solucionar os conflitos não considerarem os interesses implícitos do outro, os conflitos entre as partes certamente acontecerão novamente. Quando os conflitos envolvem divergências de valores e crenças, eles tendem a ser mais difíceis de serem solucionados, conforme Crawford e Bodine (1996). Logo, conforme os autores, um dos princípios da mediação envolve a separação de questões relativas à causa do problema e questões concernentes ao relacionamento. Desta forma, os indivíduos passam a atacar o problema ao invés de se atacarem entre si.

As habilidades emocionais, por outro lado, segundo Crawford e Bodine (1996), englobam comportamentos para administrar raiva, frustração, medo e outras emoções de maneira efetiva. Essas habilidades incluem o aprendizado da linguagem para a comunicação eficiente das emoções, além de expressá-las de maneiras que não sejam agressivas ou inflamadas. O exercício do autocontrole também é importante, na medida em que evita a reação às explosões dos outros.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2016, citado por OMS, 2020), tais habilidades tornam possível aos discentes gerenciar as suas emoções, tratar os conflitos e

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

se comunicar de maneira não agressiva, reduzindo o risco de comportamento violento. Além disto, há melhora do rendimento escolar, o que evita a violência juvenil devido à maior significância do papel dos alunos na vida da escola e melhores perspectivas de trabalho, conforme OMS (2015, citado por OMS, 2020).

Segundo Devries et al (2015, citado por OMS, 2020), os enfoques que se fundamentam no trauma ajudam a reconhecer a importância do papel docente na construção de relações seguras e de confiança com as crianças fora da escola. Desta forma, os alunos com problemas ou dificuldades, ao invés de serem penalizados pelo mau comportamento, podem melhorar a saúde mental e o comportamento a longo prazo.

Neste sentido, a gestão da sala de aula consiste na criação de um ambiente estruturado que propicie a aprendizagem acadêmica, social e emocional, respondendo de forma positiva ao comportamento do educando, de acordo com Oliver et al., 2011 (citado por OMS, 2020).

Ceccon et. al (2009), em convergência com os demais autores citados, pondera que os laços entre as pessoas são estreitados pelos acordos coletivos sobre normas de convivência, deixando os relacionamentos mais amigáveis. As conexões entre pessoas criam aceitação e segurança, quando há interações positivas, determinando habilidade em sanar conflitos sem precisar usar de manifestações de violências.

Por sua vez, Mendes (2012) anuncia as positivas relações interpessoais como ações eficientes para o ensino e aprendizagem, tendo-se como ponto de partida o acolhimento entre os atores na escola. Através do relacionamento entre estes que os sujeitos tomam conhecimento de suas fraquezas e limitações, podendo realizar descobertas juntos. Logo, a relação afetiva entre os sujeitos escolares ocorre para a observação do outro a partir dos potenciais, pontos fracos e projetos que possui, notando-se os pares de forma mais aprofundada, assim como os mecanismos de aprendizagem apresentados por eles.

Então, a partir do momento em que a escola prioriza a prevenção da violência escolar por meio da mediação de conflitos, é facilitado o desenvolvimento de competências de relacionamento e de formação de valores e habilidades para o fortalecimento das relações sociais. Assim, podem ser superadas as práticas exclusivamente punitivas e podem ser colocadas em prática ações de consenso e restauração para a solução dos conflitos, conforme sugere o CNMP (2014).

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

Importante mencionar, também, que a pontuação alta da Escala de Problemas de Relacionamento com os Colegas apresentados pelos Alunos 1 e 3, bem como o alto índice da Escala de Problemas de Comportamento do Aluno 2, apontam para a necessidade de um trabalho voltado para a mediação de conflitos na escola apresentada, a fim de promover a prevenção da violência escolar nesta.

Ademais, os dados obtidos por meio da aplicação do QCD corroboram a demanda de análise das causas do comportamento violento dos alunos observados, o que colabora para este trabalho de prevenção, conforme propõe a OMS (2020). Por consequência, durante a elaboração da Tese de Doutorado em Educação, foi dado prosseguimento à análise de outras Escalas do QCD, como por exemplo, as Escalas de Comportamento Pró-Social, de Hiperatividade e de Sintomas Emocionais, a fim de aprofundar a observação do comportamento violento dos alunos observados e realizar intervenções na escola pesquisada para minimizar este.

A pesquisa descrita neste artigo foi aplicada em uma escola pública na cidade de São Gonçalo, Rio de Janeiro. Com o objetivo de caracterizar os comportamentos violentos dos alunos observados, optou-se pela metodologia de pesquisa quantitativo-qualitativa, através da aplicação do Questionário de Capacidades e Dificuldades - QCD (Goodman, 1997) aos professores de três alunos de 6º e 7º ano do Ensino Fundamental (Anos Finais) que apresentaram episódios de conflitos entre colegas. Foram analisadas a Escala de Problemas de Relacionamento com os Colegas e a Escala de Problemas de Comportamento, conforme os dados obtidos pelas respostas dos professores destes alunos.

O referencial teórico foi baseado em autores como Crawford e Bodine (1996), Silva (2012), Gomes & Lobato (2021), Mendes (2012) e Campbell (2015). A partir da análise dos dados, percebeu-se que os Alunos 1 e 3 têm maiores pontuações relativas à Escala de Problemas de Relacionamento com os Colegas, ao passo que o Aluno 2 obteve mais pontos no que diz respeito à Escala de Problemas de Comportamento. Constatou-se a hipótese de que o diagnóstico destes comportamentos pode colaborar para a prevenção da incidência de episódios violentos no ambiente escolar na escola analisada.

Ressalta-se que, por meio dos dados obtidos neste artigo, a relevância da análise das causas de comportamento violento dos alunos da escola pesquisada, a fim de traçar propostas para trabalho de prevenção da violência escolar por meio da mediação de conflitos. Uma limitação encontrada nesta pesquisa se deu pelo fato de que os alunos estarem estudando no

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

Ensino Fundamental (Anos Finais), sendo necessário entrevistar mais de um professor por aluno, ao contrário do que ocorreria no Ensino Fundamental (Anos Iniciais), no qual os alunos só têm aula com um professor. Neste sentido, foi necessária uma apuração mais extensiva dos dados obtidos no contexto de pesquisa observado.

Referências

- ASSIS, S. G.; NJAINE, K.; MARRIEL, N. S. M. Reflexões sobre violência e suas manifestações na escola. In: ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. (org.). *Impactos da violência na escola: um diálogo com professores*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010. p. 42-71. DOI: <https://doi.org/10.7476/9786557082126.0004>.
- BAIA, S. F.; MACHADO, L. R. S. Relações interpessoais na escola e o desenvolvimento local. *Interações*, v. 22, n. 1, p. 177-193, 2021. DOI: <https://doi.org/10.20435/inter.v22i1.2355>.
- BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz dos problemas sociais. *Estudos de Psicologia*, v. 7, n. 2, p. 227-235, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200004>.
- BOYER, N. R. S. et al. *Paving the way for the use of the SDQ in economic evaluations of school-based population health interventions: an empirical analysis of the external validity of SDQ mapping algorithms to the CHU9D in an educational setting*. 2016. Disponível em: <http://www.springerlink.com>. Acesso em: 5 jun. 2023.
- CAMPBELL, S. *Agressividade, agressão e violência no cotidiano escolar*. Belo Horizonte: Wak, 2015.
- CARVALHO, W. S.; ANJOS, D. F. *Violência escolar: conhecer para prevenir*. João Pessoa: Instituto Federal da Paraíba, 2021.
- CACHOEIRA, R. D. et al. O bullying no contexto escolar: uma sistematização de estudos precedentes. *Revista Electrónica de Investigación y Docencia (REID)*, n. 13, p. 81-100, 2015. Disponível em: <http://revistaselectronicas.unjaen.es>. Acesso em: 3 ago. 2020.
- CECCON, C. et al. *Conflitos na escola: modos de transformar: dicas para refletir e exemplos de como lidar*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- CONSELHO NACIONAL DO MINISTÉRIO PÚBLICO. *Diálogo e mediação de conflitos nas escolas: guia prático para educadores*. Brasília, DF: CNMP, 2014.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

CRAWFORD, D.; BODINE, R. *Conflict resolution education: a guide to implementing programs in school, youth serving organizations and community and juvenile justice settings*. Washington, DC: Department of Justice, 1996.

FLEITLICH, B.; CORTÁZAR, P. G.; GOODMAN, R. Questionário de Capacidades e Dificuldades (SDQ). *Infanto: Revista de Neuropsiquiatria da Infância e Adolescência*, v. 8, n. 1, p. 44-50, 2000.

GOODMAN, R. The strengths and difficulties questionnaire: a research note. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v. 38, p. 581-586, 1997.

GOMES, H. M.; LOBATO, V. S. Conflito escolar, diálogo e mediação de conflitos: interseções e contribuições pós-pandemia. *Revista Ambiente e Educação*, v. 14, n. 3, p. 554-578, 2021.

MENDES, F. D. Expressões de indisciplina e a atuação do coordenador pedagógico na perspectiva da educação como ato de acolher. In: BRITO, C. (coord.). *Indisciplina escolar: antigo problema, novas discussões*. Belo Horizonte: Wak, 2012.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Curso de introdução à justiça restaurativa para educadores*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/378574060/Manual-Prático-de-Justiça-Restaurativa-Ministério-Público>. Acesso em: 3 mar. 2023.

OMS. *Prevención de la violencia en la escuela*. Genebra: Organización Mundial de la Salud, 2020. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/331022/9789240000254-spa.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2024.

PACIEVITCH, T.; GIRELLI, E.; EYNG, A. M. Violência nas escolas: mediação de conflitos e o clima escolar. In: *IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE*, 2009, Curitiba. Anais [...]. Curitiba, 2009. Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/api/assets/e43adbe6-f3b4-482b-a5f4-f654de8ab468/>.

SANTOS, R. G. H. O.; CELERI, E. H. R. V. Rastreamento de problemas de saúde mental em crianças pré-escolares no contexto da atenção básica de saúde. *Revista Paulista de Pediatria*, v. 36, n. 1, p. 82-90, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2018;36;1;00009>.

SILVA, S. *Gestão escolar: conhecer as causas da agressividade de alunos na Escola Municipal de Ensino Fundamental São Roque no município de Tunas*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/18295?show=full>.

REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

SILVA, F. R.; ASSIS, S. G. Prevenção da violência escolar: uma revisão da literatura. *Educação e Pesquisa*, v. 44, p. 1-13, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201703157305>.

VEGA, R.; DUTRA, I.; FONSECA, A. C. *Comunidade escolar na resposta às violências*. Brasília, DF: UNICEF, 2021.

WOERNER, W. et al. The strengths and difficulties questionnaire overseas: evaluations and applications of the SDQ beyond Europe. *European Child & Adolescent Psychiatry*, v. 13, n. 2, p. 47-54, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00787-004-2008-0>.